

A IMPORTÂNCIA DE WITTGEINSTEIN...PARA GEOGRAFIA e SOCIOLOGIA



JULIO CESAR VAZ NITSCHKE

Curitiba – Paraná 2020

Julio Cesar Vaz Nitsche

A importância de Wittgeinstein...para Geografia e Sociologia



1ª edição.

**Curitiba - Paraná
Edição do autor
2020**

NITSCHÉ, J.C.V.

A importância de Wittgenstein...para Geografia e Sociologia: ed. independente / J.C.V. Nitsche; 1ª ed. Curitiba, 2020.

paginas 9+Capa; 21cm

ISBN: 978-65-00-03137-9

1. Entendendo Wittgenstein. 2. Questões filosóficas sobre a Geografia e Sociologia.

A REPRODUÇÃO É RESTRITA

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por qualquer meio de mídia: fotográfico, fotocópia, fotomecânico, nem mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a devida referência bibliográfica (esta fonte).

Capa: Nitsche, Julio Cesar Vaz

Imagens da internet – 2020.

AGRADECIMENTOS

Demonstro profundo respeito e gratidão àqueles que me ajudaram durante minha trajetória existencial e de atuação. Às pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram e iluminaram minha vida nos momentos mais sombrios e iluminados. Logo; estes são representantes da sociedade em geral, tais como: meus pais, meus avós, minha família, todos os que me conhecem e que me auxiliaram: militares, profissionais da saúde (doutores, médicos, psicólogos, dentistas, enfermeiros, atendentes, técnicos, enfim; todos dessa área), profissionais da educação e cultura, servidores públicos de todos os setores (que incluem os agentes de limpeza pública e privada (manutenção e limpeza dos hospitais, faculdades, prefeituras e instituições, além das cidades e de outros ambientes). Aos que rezaram/oraram por minha pessoa (que nem me conheciam), parentes e conhecidos. Não citarei nomes, porque são tantos e não quero cometer o erro de esquecer uma pessoa se quer... mas tenho certeza que todos sabem quem são e o que fizeram por mim.

654. Nosso erro é buscar uma explicação onde deveríamos ver os fatos como ‘fenômenos originários’.¹⁷⁴ Isto é, onde deveríamos dizer: *joga-se este jogo de linguagem*.

655. Não se trata da explicação de um jogo de linguagem mediante as nossas vivências, mas de constatar um jogo de linguagem.

Dedico à minha filha

Para entender Wittgeinstein...

a) <https://www.youtube.com/watch?v=DvpIJ7FRnxg&list=RDCMUCuh76-2iwWlsK-oVsklWoMA&index=5>

b) <https://www.youtube.com/watch?v=yVmJ5Q8SD3E>

c) <https://www.youtube.com/watch?v=yVmJ5Q8SD3E&list=RDCMUCuh76-2iwWlsK-oVsklWoMA&index=2>

d) <https://www.youtube.com/watch?v=WDFk1m40Mil&list=RDCMUCuh76-2iwWlsK-oVsklWoMA&index=3>

Não são endereços de doutores ou filósofos. Mas de uma menina! Que sem querer nos mostra exatamente o problema abordado por este engenheiro filósofo.

Caso tenha entrado em um destes endereços...vai perceber que não necessito mais “falar” (escrever) sobre Wittgeinstein, porque sua obra se baseia nesta questão lógica da linguagem. Quais as estruturas responsáveis que sustentam o entendimento ou não de algo dito, gesticulado ou figurado. Qual o sentido? Criticando a análise limitada da linguagem e da linguagem limitada.

“36. E aqui fazemos o mesmo que em milhares de casos semelhantes: porque não podemos assinalar *uma* ação corporal para o que chamamos de apontar para a forma (em contraposição, por exemplo, para a cor), então dizemos que essas palavras correspondem a uma atividade *mental*. Onde a nossa linguagem não permite conjecturar um corpo, e não há nenhum corpo, ali gostaríamos de dizer que há um *espírito*.33”

E todas as áreas do conhecimento são ferramentas criadas para se entender o mundo! Mas mesmo, assim, como Kant e o próprio Wittgeinstein (em sua 2ª fase) observam (mas não morreram?), nunca será possível definir a coisa em si. O primeiro por entender que as sensações nos enganam e o segundo por ver a coisa em si como envolta por uma nebulosa. A diferença é que Kant é cético e Wittgeinstein (2º) um observador lógico moderado, não se caracterizando totalmente como cético. Está entre um e outro, mas não é radical. Simplesmente porque somos seres limitados.

Tudo o que digo é embasado na bibliografia e nos estudos do Prof. Dr. João Vergílio Cutter e Prof. Dr. Cláudio Costa. E devo ressaltar que: Em meus manuscritos com bibliografia palpável (não virtual – link) há livros em inglês, francês, grego e outras. Mas estão referenciados porque há a necessidade de saber se eles realmente existem e se são os que o autor utilizou em suas teses ou observações. Não consigo aprender coisas novas, além de não realizar cálculos. Logo; não consigo

e não consegui aprender estas línguas estrangeiras. Isso me impede de avançar, mas não de contribuir com o que já pude vivenciar e/ou aprender.

649. “Então quem não aprendeu nenhuma língua não pode ter certas lembranças?” É claro que sim, – ele não pode ter lembranças verbais, desejos ou medos verbais etc. E lembranças etc. na linguagem não são meras apresentações puídas de vivências *reais*; não é, pois, o verbal uma vivência?

Sou contrário a ideia de que se alguém usou uma bibliografia o outro não deve abordá-la também. Isso limita a compreensão de coisas que o primeiro não pode ver.

“É como se alterássemos a configuração de um microscópio, e o que está agora no ponto focal não era visto anteriormente.”

Não vejo os filósofos ou cientistas como algo que se deva ler e ficar filosofando depois. Observo suas ideias e seus ideais...e estas(es) utilizo como a **escada** de Wittgenstein ou ferramenta e também como bússola (“Conjecturas Geográficas” e “Os sociólogos não descrevem a Terra” – Popper, Feyerabend, Heisenberg, Schrödinger, Wittgenstein e outros). Mas não descarto a escada!

Mas...voltando ao Wittgenstein:

Em sua primeira fase temos um filósofo que trabalha os sentidos designativos das figuras, seguindo espelhamento socrático. O sentido é intencional e cada nome está diretamente conectado e projetado sobre determinado objeto. Ou seja: o sentido é deliberadamente proposto pelo próprio ser (sai de mim). Não há papel semântico.

Em sua segunda fase, colapsa as concepções da linguagem que vinham desde Platão e seus diálogos com Sócrates. Ligações intencionais entre nome e objeto. Ou seja: O quê a palavra Z designa? Para Wittgenstein esta pergunta está formulada de forma incorreta. A pergunta pela coisa em si, é uma pergunta mal colocada. Porque o significado não é uma coisa do outro lado da palavra. O significado não é dado por um objeto que a palavra se liga. O significado é dado por regras de nosso núcleo e círculo social. Desta forma, a designação de algo é inserido pelas regras que se utiliza na vivência do cotidiano e a sua relação dos objetos. O que determina a coisa em si, são as regras que acordamos em utilizar o uso dos sons/palavras e gestos. (o sentido não sai de mim...mas de nós).

Entendam, isso não é tão simples como parece, porque se você estiver perdido e de repente encontrar uma pessoa com aspectos estranhos, que nunca viu alguém com suas vestes e a tua

maneira de falar e gesticular, este não vai entender seus sons e gestos, logo de início. Cada um terá que se utilizar de algo real para iniciar um entendimento. Por exemplo: você segura uma pedra e diz: rocha. O outro pronuncia: \$6á. Inicia-se assim o círculo social. O problema é saber se “\$6á” é rocha para ele, ou se, “\$6á” é a representatividade de alguma ação, sua, contra ele. E assim começa o jogo, podendo ou não chegar a um entendimento.

Para analisar algo dicotômico ou aparentemente comuns, mas que tenham o mesmo nome, em ambas as sociedades, faz-se necessário recorrer a historicidade recorrente deste objeto ou coisa em cada socialização, deste, com a convivência cotidiana das sociedades envolvidas. Caso a designação não corresponder com o uso de uma determinada sociedade (comunidade ou relação pessoal entre duas pessoas, ou áreas de conhecimento), para aquela que não correspondeu o seu uso está incorreto, logo; não deve utilizar a designação como é usada pela outra. Tal coisa não pertence àquela área ou a conceituação não condiz com as atividades, bem como com as regras acordadas pelos seus formuladores/criadores.

Isso se embasa no contexto dado e a intenção do falante. Desse modo limita-se a extensão do jogo e ao contexto. Sendo que o jogo de linguagem está ligada ao ambiente social. Faz-se necessário participar do modo de vida das sociedades envolvidas, para julgar ou falsear a coisa em questão. Observando o seu uso no contexto social. Mas seja lá o que foi julgado, nunca se chegará a conceituação ou denominação da coisa em si.

Parece tudo muito simples e que alguém, como eu, possa decifrar e ver em uma leitura de seu livro *Tractatus Logico-Philosophicus* e *Investigações Filosóficas* tudo o que foi apresentado aqui. Mas um acadêmico da Universidade de Cambridge, que dirigiu-se ao professor Bertrand Russel e proferiu a seguinte indagação:

Sou ou não sou um idiota?

Se sou, vou me dedicar sobre os problemas da aeronáutica. Caso contrário, serei filósofo.

E seu professor lhe aconselhou a escrever alguma coisa sobre qualquer coisa. Após um tempo...a resposta de Russel: Não trabalhará como engenheiro aeronáutico!

Nascido em Viena, em 26 de abril de 1889, porque sua família: Seu pai, Karl Wittgenstein: diretor de siderúrgica e colecionador de obras de artes, acompanhado de seus progenitores: Hermann Christian e Fanny Wittgenstein e sua esposa Leopoldine Wittgenstein: filha de banqueiro vienense e musicista, se deslocam da Saxônia para a Áustria, em meados do Século XIX. Nesse tempo, seu pai organiza o primeiro cartel do aço na indústria austríaca. E que, ainda criança, inventou uma máquina de costura...não há um especialista em Wittgenstein, no mundo (no momento), que o conheça e compreenda profundamente suas análises. E muito menos eu!

O que compreendi de suas observações vem dos especialistas que traduziram os livros, e dos artigos de filósofos brasileiros, que se dedicam aos estudos de Wittgenstein.

Mas afinal...qual a importância deste filósofo para a Sociologia e a Geografia?

Utilizando-se das ferramentas, do uso cotidiano das palavras e/ou seus significados e das regras do jogo de linguagem que são exercidos em sua relação social com o próximo ou no âmbito comunicativo de sua área...pode-se avaliar os conceitos ou construir novos (conceito e significação), que realmente sejam usados como devem ser, atendendo um ou ambos, sem causar impasse ou problemas de entendimento, conceituação, formulação, interpretativo e até mesmo filosófico. Porque não há certo ou errado. Mas somente um método de falseabilidade pode refutar ou afirmar se a coisa é ou não é.

In: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/15_elizabethdias1.pdf
Elizabeth de Assis Dias, “Popper, leitor de Einstein” nos diz em sua página 232 (8 pdf):

“O fundamento lógico desse critério é o *modus tollens* da Lógica tradicional. A falseabilidade é, assim, um aspecto característico das teorias que as torna passíveis de serem confrontadas com a experiência e dadas como falsas. A questão que se impõe é: em que condições uma teoria falseável pode vir a ser dada como falseada? De outro modo, considerando-se que uma teoria não pode ser dada como falseada pelo simples fato de dispormos de um enunciado básico que a contradiga, então, quando ela será falseada? A existência de uma contradição entre a teoria e o enunciado básico é uma condição necessária para o falseamento, mas não suficiente. De modo a evitar que uma teoria seja eliminada prematuramente, Popper estabelece como regra para que uma teoria possa ser considerada falseada que o acontecimento descrito pelo enunciado básico seja passível de reprodução e, portanto, suscetível de ser testado intersubjetivamente. Diz ele: “Só a diremos falseada (a teoria) se descobirmos um *efeito susceptível de reprodução* que refute a teoria” (POPPER, 1972, p.91).”

Seguindo para a página 233:

“Se por um lado, as reflexões filosóficas de Einstein influenciaram o pensamento de Popper, por outro, como cientista, ele foi o exemplo da atitude crítica na ciência, pois se mostrava altamente crítico face as suas próprias teorias não apenas no sentido de determinar suas limitações como, também, no sentido de especificar as condições que o levariam a considerá-las como refutadas por experimentos. Diz Popper:

Einstein procurava experimentos cruciais cujo acordo com suas previsões não bastaria para estabelecer a teoria da relatividade, mas cujo desacordo, como ele próprio insistia em acentuar, revelaria a impossibilidade de aceitar-se a teoria (POPPER, 1986, p.45).

Assim, Einstein, além de ter uma posição filosófica falsificacionista face à ciência, como cientista, aplicou essas ideias a sua própria teoria da relatividade ao procurar determinar não as situações que poderiam verificá-la, mas sim as que poderiam contradizê-la. Essa atitude crítica é característica da verdadeira atitude científica, conforme afirma Popper, em sua *Autobiografia Intelectual*:

Cheguei, assim, em fins de 1919, à conclusão de que a atitude científica era uma atitude crítica, em que não importam as verificações, mas as provas cruciais - provas que poderiam refutar a teoria em exame, conquanto jamais pudessem estabelecê-la ou prová-la. (POPPER, 1986, p.45).”

Murilo Rocha Seabra, in:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8668/1/2011_MuriloRochaSeabra.pdf em sua página 03...

Murilo Seabra e Marcos Pinheiro, em dois artigos publicados no *Internationales Wittgenstein Symposium* (2007, 2008), defenderam que Wittgenstein queria oferecer nas *Investigações* antes de mais nada *métodos* e não *resultados* – e que ele esperava que seus leitores não se limitassem a interpretá-los, mas aprendessem a aplicá-los. Com efeito, existiria uma relação interna entre o prefácio das *Investigações* (onde ele diz que não gostaria de “poupar aos outros o trabalho de pensar, mas sim, se for possível, estimular alguém a pensamentos próprios”) e o corpo do texto propriamente dito, assim como existe uma relação interna entre o prefácio do *Tractatus* (onde ele diz que “a verdade dos pensamentos aqui comunicados parece-me intocável e definitiva”) e o seu tom preempatório. Se o *Tractatus* anuncia o fim da filosofia, as *Investigações* anunciam o seu recomeço. Se o *Tractatus* espera do seu leitor que ele limite-se a interpretá-lo, as *Investigações*, ao contrário, esperam do seu leitor que ele aplique os seus métodos.]

Desta forma, as áreas de Geografia e Sociologia podem se utilizar do método criado por Wittgenstein para elaborar suas significações e conceituações sem ficarem filosofando e perfazendo o eterno retorno de Nietzsche.

Porque o espaço já morreu em 2000, quando lancei o artigo <http://publicatio.uepg.br/index.php/exatas/article/view/137/11>, que recebe o título de: “Espaço...realmente é o Objeto de estudo da Geografia? Depois demonstrei que não construímos espaços, mas ambientes em “Conjecturas geográficas” (<http://hdl.handle.net/10316.2/41896>).

Mas os políticos/politiqueiros que atrasam a Ciência, continuam em suas cavernas...

https://www.youtube.com/watch?v=cxp_CuToK_A (Musica – Flores) e

<https://www.youtube.com/watch?v=2qqN4cEpPCw> (Musica – Como nossos pais)

O problema da Ciência não é a política governamental...são os politiquinhos científicos!

Até quando vamos atrasar o progresso científico por causa de mesquinha e olhar em um quadro na parede que diz o teu nome?

Será que teu nome é mais importante que a Ciência?

A morte do espaço...

Deus está morto afirmou o filósofo poeta!

<https://super.abril.com.br/ideias/deus-esta-morto-nietzsche/> Recusando Deus, poderíamos também nos livrar de valores que nos são impostos - e abrir espaço para o surgimento de um novo tipo de ser humano.

Em Iniciação ao Silêncio de Paulo Roberto Margutti Pinto Loyola:

“Nessa acepção, cujo sentido de "anti-socrático" nem sempre fica muito claro, "argumentar" não deve ser entendido como "apresentar razões", mas como "clarificar". A força dos argumentos não está tanto em seu caráter lógico, mas na experiência de pensamento que provocam. Embora Nietzsche atribua a tradição argumentativa de caráter lógico, cuja força do argumento é derivada da racionalidade das provas, a uma origem socrática, desenvolvida e sistematizada por Platão e Aristóteles, creio, contudo, que a dialética socrática, com seu estilo aporético e propósito maiêutico, não está assim tão distante dos estilos argumentativos nietzschiano e wittgensteiniano.

Essa discussão, no entanto, não invalida o potencial do método de análise argumentativa que Margutti propõe, revelando a importância da dimensão ética da proposta filosófica do "Tractatus" e mostrando que, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o "Tractatus" não se estrutura mediante uma argumentação lógica, mas visa, por meio da clarificação conceitual, recorrendo ao paradoxo e ao contra-senso, iniciar-nos à descoberta do sentido da vida.”